

ERVAS MEDICINAIS

Solange Aparecida Banóski¹

RESUMO

As ervas têm sido usadas para curar o corpo desde os tempos pré-históricos, e o estudo das ervas medicinais data de mais de cinco mil anos, na época dos antigos sumerianos. A cura pelas ervas foi rito importante em várias religiões pré-cristãs. Referências que se repetem aparecem até nos Antigo e Novo Testamentos da Bíblia, independente do fato de a igreja cristã primitiva ter preferido a cura pela fé à prática formal da medicina, a qual tentou proibir. À medida que a química e outras ciências médicas rapidamente se desenvolveram, nos séculos 18 e 19, a medicina das ervas perdeu popularidade nos Estados Unidos e na Europa, cedendo lugar às drogas químicas ativas e à prática da quimioterapia. Os primeiros escritos sobre as ervas relatam sua importância nos cerimoniais de magia e medicina. Há placas de barro babilônicas de 3.000 anos a.C., que ilustravam tratamentos médicos, e outras mais recentes que registram importações de ervas. Durante os 1000 anos subsequentes, culturas paralelas na China, Assíria, Egito e Índia, desenvolveram registros escritos de ervas medicinais onde existem antigos escritos ocidentais que descrevem uma mistura de utilizações medicinais e mágicas para as plantas, e há escritos egípcios, de 1550 anos a.C., com receitas médicas e anotações sobre a utilização aromática e cosmética das ervas.

Palavras-Chave: Ervas Medicinais. História. Medicina. Cura. Doenças. Tratamento.

INTRODUÇÃO

¹ Farmacêutica Industrial - CRF-MG 15.134 - formada pela Universidade de Uberaba em 2002 - Aluna do 2º Período do Curso de Medicina, turma Alfa B, da Faculdade Atenas de Paracatu - MG. E-Mail: solbanoski@hotmail.com.

O trabalho foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica. O Conhecimento histórico do uso de plantas medicinais nos mostra ao longo da História da Humanidade que pela própria necessidade humana, as plantas foram os primeiros recursos terapêuticos utilizados.

Segundo Marques, (1999), A Índia, aproximadamente 5.000 aC, utilizava as ervas medicinais para o tratamento das doenças. Os livros sagrados da antiga Índia mostram receitas elaboradas com as ervas para o tratamento dos males humanos. Foi considerada por alguns autores da antiguidade como o Eldorado dos Medicamentos Ativos, pela riqueza de sua flora medicinal Os antigos egípcios há 4.500 anos a.C., utilizavam grande variedade de aromas consagrados a certas divindades. A aromoterapia é um ramo da fitoterapia, já existe há tempo suficiente para considerar seu valor terapêutico e sua ação fisiológica benéfica.

No ano 3.000 a.C., os países orientais praticavam o cultivo de plantas medicinais tendo como iniciante SHE UING. O valor das plantas medicinais e suas escolhas eram feitas através do cheiro.

No Papiro de Ebers, de 1550 a. C. descoberto em meados de século passado em Luxor, no Egito, foram mencionadas cerca de 700 drogas diferentes, incluindo extratos de plantas, metais (chumbo e cobre) e veneno de animais.

Para Marques (1999), a história da terapêutica começa provavelmente por Mitridates, rei de Ponto, Século II a. C. sendo ele o primeiro farmacologista experimental. Nessa época, já eram conhecidos os Opiáceos, a Cila e inúmeras plantas tóxicas. Entre as mais antigas civilizações, a medicina, através das plantas medicinais, já era praticada e transmitida desde os tempos mais remotos: nas antigüidades egípcia, grega e romana, quando acumularam-se conhecimentos empíricos e foram transmitidos posteriormente, através dos Árabes à seus descendentes europeus. A arte de embalsamar cadáveres foi desenvolvida pelos antigos egípcios utilizando extratos de plantas evitando que estes entrassem em estado de

putrefação. Foram necessários vários experimentos com muitas plantas para dar conhecimento ao mundo e deixar tal arte como herança.

Na Idade Média acreditava-se que determinados aromas espantavam os espíritos das doenças que acometiam o corpo. Assírios e Hebreus também se dedicaram ao cultivo de várias plantas consideradas úteis.

Conforme Marques (1999), no Brasil, desde a época do descobrimento, os colonizadores observavam e anotavam o uso freqüente de ervas pelos Índios. É essencial não esquecer que o grande mestre de Piso, foi o Índio brasileiro, e ele honestamente em mais de uma passagem reconheceu a superioridade da terapêutica indígena sobre a européia. Note-se o testemunho de Piso em Pernambuco: Os Índios precedem de laboratórios, ademais, sempre tem à mão sucos verdes e frescos de ervas. Enjeitam os remédios compostos de vários ingredientes, preferem os mais simples, em qualquer caso de cura, visto que por estes medicamentos os corpos não ficam tão irritados.

Houve tempo em que todas as plantas se mostravam para humanidade que as considerava filhas da mãe-terra; cada uma delas era marcada pela divindade e digna de todo respeito, mas, com a industrialização e o alvorecer da ciência e tecnologia diminuiu o nosso envolvimento com a natureza, limitando o conceito do termo erva. No século I, o gastrônomo romano Apécio descreve no seu livro de culinária, fascinantes e ousadas combinações de aromas de ervas. Em 1699, inglês John Evelyn enumerou 73 tipos de ervas para salada, descrevendo a parte que será usada de cada uma delas. Francis Bacon no seu ideal de jardim inclui ervas.

1 HISTÓRIA DAS ERVAS

Muito antes de surgir a escrita o homem já usava ervas para fins alimentares e medicinais. Na procura das ervas mais apropriadas para a alimentação ou para a cura de seus

males sentiu as alegrias do sucesso e as tristezas do fracasso. Em suas experiências com elas descobriu as qualidades de cada uma: alimento, medicamento, veneno, alucinógeno e outras.

Até hoje xamãs usam determinadas plantas para provocar alucinações ou para curar o paciente.

1.1 ORIENTE MÉDIO

Os documentos médicos mais antigos que se referem às propriedades medicinais das plantas é um tratado médico datado de 3.700 AC, da China, escrito por Shen Wung um imperador sábio que fazia experiências com as plantas. Nele era dito que para cada enfermidade havia uma planta que seria um remédio natural. Conforme a lenda, ele podia observar os efeitos de seus preparados no organismo por ter o abdômen transparente.

1.2 EGITO

Na faixa do tempo, seguem-se os egípcios, que deixaram papiros preciosos. Um dos mais famosos é de 1.500 AC, tendo sido descoberto por George Ebers, conhecido egiptólogo alemão. Nele podemos ver que os egípcios utilizavam ervas aromáticas na medicina, cosmética, culinária e, sobretudo, em sua técnica, nunca superada, de embalsamento. Eram de uso comum plantas as ainda hoje conhecidas e usadas: tomilho, anis, coentro, cominho, papoula, alho, cebola e outros.

1.3 MESOPOTÂMIA

Na Mesopotâmia os sumerianos, considerados os primeiros agricultores da humanidade, possuíam receitas tão preciosas, que somente os sábios sacerdotes e feiticeiros as

conheciam. Guardavam-nas na memória e somente as transmitiam aos seus substitutos na velhice. Nos escritos sumerianos há referências à erva-doce, beldroega e alcaçuz.

1.4 BABILÔNIA

Relatos de historiadores da Antigüidade, ao descreverem os Jardins Suspensos da Babilônia, construídos por Nabucodonosor, fazem referência ao fato de que, entre flores e árvores, eram plantados o alecrim e o açafrão.

1.5 MEDICINA VEDANTA

O principal objetivo da medicina vedanta era prolongar a vida e a principal fonte de conhecimento para tal eram as ervas, filhas diletas dos deuses. Elas só poderiam ser colhidas por pessoas puras e piedosas, devendo crescer longe da vista humana e do pecado. Eram usadas basicamente de duas formas: como elemento para limpar o corpo, estimulando suas secreções e como sedativo.

1.6 GRÉCIA

Hipócrates, o Pai da Medicina, nascido na Grécia por volta de 460 aC, possuía princípios éticos que até hoje servem de juramento para os novos médicos. Ele considerava, como na homeopatia moderna, que se deveria tratar a doença, não o doente. A dieta, os hábitos higiênicos do corpo e da mente eram sempre baseados em ervas e em princípios filosóficos. Seus conhecimentos e ensinamentos atravessaram os tempos e são seguidos até hoje em alguns tratamentos medicinais.

Foi em sua época que surgiu a Doutrina das Assinaturas, já pesquisada pelos chineses. Ela pregava que havia uma ligação entre a forma e a cor das flores com a doença a ser tratada. Assim, as flores amarelas da calêndula e do dente-de-leão seriam usadas para curar a hepatite; os frutos e as flores vermelhos, para os males da circulação, e as raízes retorcidas e cheias de nós das figueiras seria remédio ideal para as varizes. Essas idéias apareceram várias vezes na história da medicina e acabaram sendo fator decisivo para o descrédito da fitoterapia.

1.7 ROMA

Com o apogeu do Império Romano, o saber deslocou-se para Roma e é lá que se vai encontrar os dois maiores herbolários da era cristã: Dioscórides e Galeno.

O primeiro foi médico de Nero e com ele e seus soldados viajou por todo o mundo mediterrâneo, colecionando centenas de tipos de plantas. Mais tarde, em 78 d.C., escreveu um livro um catálogo de medicina herbolária, intitulada “De Maneira Médica”. Essa obra serviu de base a maior parte dos conhecimentos médicos do Oriente, depois entrou no Ocidente pelas mãos dos sarracenos e espalhou-se pela Europa, tornando-se a principal fonte de informação médica por centenas de anos. A cópia mais antiga que existe da obra de Dioscórides é um manuscrito bizantino do Séc. VI denominado “Códice Vindobonensis” considerado o documento médico de maior importância até o surgimento da obra de Leonardo Fuchs, em 1542, intitulada “História Stirpium”.

Galeno era grego e viveu entre os anos 130 e 200 de nossa era. Galeno foi médico do Imperador Marco Aurélio, Cômodo e dois outros. Escreveu mais de duzentas obras, sendo que cerca de cem são hoje reconhecidas como de sua autoria. O fisiologista Galeno, descobriu que a urina é secretada pelos rins, no entanto, um de seus maiores feitos foi à descoberta de

um método de separar os princípios ativos de uma planta denominado galênico, que é usado até hoje.

Com o declínio do Império Romano e a desestruturação de sua sociedade pelas invasões bárbaras, a importância da medicina retornou ao Oriente, que teve em Avicena (980 - 1037) seu médico maior. Muito inteligente e estudioso, aprendia facilmente e sem cessar medicina, filosofia, geometria, astronomia e outras disciplinas com que se deparasse. Aos dezessete anos já era um mestre na arte de curar, tendo já sua fama se espalhado pelo mundo árabe. Usava lavanda, camomila e menta em seus preparos e ficou conhecido por mais de seis séculos como o príncipe dos médicos. As primeiras farmácias, instaladas em Bagdá, datam desta época.

1.8 IDADE MÉDIA

Na Idade Média os mosteiros tornaram-se centros importantes de estudo. Os livros e manuscritos existentes foram todos recolhidos pelos monges, que se apoderaram do saber antigo. Ao redor das igrejas, mosteiros e conventos foram cultivadas ervas utilizadas como alimentos, bebidas e medicamentos. Muitos destes herbários ainda existem e são conservados até hoje na Europa, principalmente na Inglaterra.

1.9 EUROPA

Com a invenção da imprensa, em 1450, e as descobertas marítimas, inicia-se um novo ciclo, que posteriormente irá mudar a face do planeta.

Nos primeiros anos do Séc. XVI, que surge na cena médica Européia um suíço chamado Phillipus Aurelius Theophrastos, mais tarde conhecido somente como Paracelso. Ele viajou por toda a Europa à procura de plantas e minerais, mas principalmente ouvindo feiticeiros, curandeiros e parteiras. Para grande escândalo das pessoas cultas, não escrevia

suas observações em latim, a língua culta da época, mas em linguagem comum e ainda tinha a audácia de comparar importantes estudos médicos com a sabedoria popular. Sendo hoje reconhecido como um grande alquimista, seu maior feito foi mudar o curso da medicina ocidental com suas descobertas e estudos, que serviram de base para os pesquisadores dos séculos seguintes.

No reinado de Elizabeth I da Inglaterra (1558-1603) certas ervas especialmente as especiarias, tinham um valor e importância tão grande quanto o ouro ou a prata. As ervas eram ambicionadas por piratas que infestavam todos os oceanos. A Inglaterra, repleta de reis e rainhas, príncipes e piratas, era também o país das bruxas, fadas e duendes, seres sobrenaturais aos quais pertencia o saber das ervas. Mesmo assim, rara era a dona de casa que não possuía um armário com plantas medicinais para as doenças do dia-a-dia.

Neste mesmo século o herborário mais conhecido era Gerard e edições de seu famoso livro “The Herbal”, publicado pela primeira vez em 1597, ainda pode ser encontrado em livrarias inglesas, sendo uma de suas ervas preferidas o alecrim.

No Séc. XVI, Culpeper tentou reviver todo o poder das ervas, mas como acreditava demais em astrologia, bruxaria e adivinhações, ficou desacreditado perante os médicos mais ortodoxos, que o difamaram. Ele defendia a importância dos signos do zodíaco e nas cores das pedras preciosas para curar doenças. Atualmente seus estudos são aceitos por pesquisadores e seus livros muito usados como fonte de consulta.

Na Inglaterra o uso da medicina alternativa cresce dia a dia e o fascínio da aromaterapia, das flores de Bach e muitas outras técnicas, antigas ou modernas, são experimentadas com sucesso e têm cada vez mais adeptos.

A importância das ervas pode ser medida pelo empenho da Europa em achar um caminho para as Índias, com a finalidade quase que exclusiva de adquirir as chamadas especiarias, temperos só lá obtidos e com alto preço nos países europeus. A babosa, o cravo, a canela, a carambola, o gergelim, e outras, são vegetais originários da Índia.

1.10 AMÉRICA

Os primeiros registros sobre as ervas americanas foram feitos por um médico mexicano chamado Juan Badianus. Sua origem índia e seus conhecimentos da cultura indígena tornaram seus escritos muito procurados por estudiosos.

Outro importante herborário americano foi o espanhol Manardes, que escreveu sobre as ervas do Novo Mundo.

Os primeiros imigrantes trouxeram para as Américas mudas e sementes de suas ervas preferidas, como o confrei, a aquiléia e a camomila, que logo floresceram juntas às ervas nativas.

Nos Estados Unidos o interesse pelas ervas teve grande crescimento entre na época compreendida entre a Revolução Americana e a República. Thomas Jefferson plantava pessoalmente suas ervas prediletas, entre elas a menta, o tomilho, a lavanda, o alecrim e, sobretudo o masturtium, conhecida entre nós por chagas-de-cristo, por sua violenta coloração vermelha. Atualmente, as farmácias naturais se multiplicam e há um verdadeiro culto à natureza. Mais de 25% de todos os medicamentos são de origem vegetal e o estudo das ervas e seu poder de cura estão cada vez mais importantes.

Os Shackers, grupo religioso norte americano, baseava sua vida na simplicidade, na pesquisa e utilização das ervas medicinais. As ervas tiveram seu apogeu nos Estados Unidos e, com os Shackers, sua importância econômica durou mais de cem anos.

1.11 BRASIL

Historicamente, quando os portugueses aqui chegaram, encontraram índios que usavam urucum para pintar e proteger o corpo das picadas de insetos e também para tingir seus objetos cerâmicos.

Mesmo o grande naturalista Von Martius desprezava a medicina indígena. Para ele, os índios conheciam apenas algumas quantas plantas comestíveis e outras que serviam de tinturas. Das ervas medicinais teriam unicamente uma obscura noção, quase sempre supersticiosa. Os primeiros a terem utilizado a medicina das ervas, para ele, teriam sido os bandeirantes, usando os conhecimentos adquiridos nas índias Orientais e, mais tarde, os escravos que se adentravam na floresta à procura de substitutivos para a sua culinária e medicina tradicional. Hoje sabemos que o naturalista estava totalmente equivocado, pois, os índios conheciam todas as ervas necessárias para a cura de suas doenças. Os europeus que chegaram ao Brasil adquiriram o conhecimento das ervas medicinais com os indígenas.

Muitos escritos sobre as ervas indígenas, relatados pelos jesuítas, estão perdidos em arquivos e bibliotecas, sendo consultados como curiosidades, do que como fontes de consultas para trabalhos científicos.

1.12 REVOLUÇÃO INDUSTRIAL

Ainda no final do séc. XVIII Lineu, o grande naturalista sueco, criou seu famoso sistema nomenclatura botânica, dividindo as plantas em vinte e quatro classes e diversas subclasses, o que permitiu com que os pesquisadores fizessem um estudo mais metódico, complexo e abrangente das plantas.

No final do séc. XIX, com o advento da Revolução Industrial, o poder curativo das ervas passou a ser ridicularizado, a ser considerado ultrapassado. Hoje, no entanto, no rastro do naturalismo, o mundo inteiro está tentando redescobrir os valores curativos e alimentares das plantas.

Entre os mais famosos herborários modernos, encontramos Maurice Messegú, francês de Gers, no sul da França. Ele aprendeu a arte de curar pelas ervas com seu pai que, por sua vez, aprendera com seu avô. Essa cultura repassada de geração a geração fez com que

ele já fosse um especialista no assunto aos vinte anos de idade e, hoje, com setenta anos, é considerado um monumento vivo do herborarismo francês.

CONCLUSÃO

Recorrer às virtudes curativas de alguns vegetais é uma das primeiras manifestações do homem, marcando um antigo desejo de compreender e utilizar a natureza como recurso terapêutico, nas doenças que afligem o corpo e a alma. Se voltasse ao passado, perceber-se-ia que a prática de utilização das plantas como meios de cura das doenças não mudaram, mas por falta de informações algumas pessoas não sabem, nos dias de hoje, usar essas plantas para o seu consumo, desconhecendo os seus benefícios e toxicidade. Grande número de seguidores, principalmente da camada mais carente da sociedade é que utilizam algumas destas plantas, principalmente pelo baixo custo que elas oferecem.

As ervas são naturais. Muitas podem ajudar a prevenir e a curar doenças. Muitas doenças, a cura da mãe natureza pode ser muito melhor do que as pílulas sintéticas de sabor desagradável produzidas pelo homem que proporcionam alívio temporário dos sintomas, mas não erradicam a causa da doença. Muitas doenças atuais precisam dos métodos atuais de tratamento. No caso de condições emocionais ou físicas crônicas ou sérias, recomenda-se algum tratamento médico profissional a ser imediatamente procurado utilizando a farmacologia moderna.

Com o passar dos anos, juntamente com a evolução da humanidade, ocorreu grandes mudanças e novas descobertas em relação ao uso das ervas medicinais como fonte de cura e tratamento para doenças. Hoje o homem ainda não sabe tudo sobre o efeito de algumas ervas, porém, o que se sabe, graças aos alquimistas, já é suficiente para produção e uso de medicamentos à base das ervas que vêm trazendo grandes benefícios para a humanidade. É uma pena que o brasileiro e seus governos estão acordando somente agora para a riqueza que

os rodeia. Quem sabe, está chegando a um novo ciclo, onde a atenção dada às pequenas ervas, raízes, cascas e sementes passe a ter maior importância na alimentação e farmacopéia brasileira. Pois esta importância e atenção num país como o Brasil, onde ainda se morre de fome e desnutrição, torna-se um motivo estratégico, de libertação dos medicamentos importados a alto custo, muitas vezes com princípios ativos originários de plantas de nossas matas. Parece que os governos não têm a visão para um fato que a indústria farmacêutica internacional possui: a de que por trás de cada medicamento quimicamente sintetizado há um antepassado vegetal.

MEDICINAL GRASS

ABSTRACT

The grass has been used to cure the body since the prehistoric times, and the study of the medicinal grass date of more than five a thousand years, at the time of the old Sumerians. The cure for the grass was important rite in some religions daily pay-Christians. References that if repeat even appear in Old and New Wills of the Bible, independent of the fact of the primitive Christian church to have preferred the cure for the faith to the practical deed of division of the medicine, which tried to forbid. To the measure that medical chemistry and other sciences had been developed quickly, in 19 centuries 18 and, the medicine of the grass lost popularity in the United States and the Europe, yielding place to active the chemical drugs and the practical one of the chemotherapy. The first writings sobers the grass tell to its importance in the magic ceremonials and medicine. It has adobe Babylonian plates of 3.000 years B.C., that illustrated medical treatments, and the other most recent ones than register importation of grass. During the 1000 subsequent years, cultures parallel bars in China, Assyrian, Egypt and India, had developed written registers of medicinal grass where

they exist old written occidental that describes a mixture of medicinal and magical uses for the plants, and has written Egyptian, of 1550 years B.C., with medical prescriptions and notations on the aromatically and cosmetic use of the grass.

Keywords: Medicinal grass. History. Medicine. Cure. Illnesses. Treatment.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, E. R. **As plantas medicinais brasileiras**. São Paulo: Hemus , 1993.
- ALZUGARY, D., ALZUGARY, C. **Plantas que curam**, Rio de Janeiro : s. n., 1983. v. 1.
- BALBACH, A. **As plantas que curam**. Itaquaquecetuba : Edificação do Lar, (199?).
- BREMNESS, L. **Guia prático** :plantas aromáticas culinárias, medicinais e cosméticas. Porto : Civilização, 1993.
- DELAVEAU, P. et al. **Segredos e virtudes das plantas medicinais**. Lisboa : Seleções do Reader's Digest. (198?).
- MARQUES DE SÁ, Elizabete N. **Plantas medicinais – Histórico**. Ceará, 1999. Disponível em < http://www.geocities.com/plantas_medicinais/historic.htm> Acesso em 8 de novembro de 2006.
- MATOS, Francisco A. **Projeto Farmácias Vivas**. Ceará, 2000. Disponível em < <http://www.cotianet.com.br/eco/herb/hist.htm>> Acesso em 8 de novembro de 2006.
- PEREIRA, R. S. **Piso e a medicina indígena** : vida e medicina no Brasil holandês. Recife : Universitária - UFPE, 1980.
- SILVA PRIM, Maria B. **História das Ervas**. Disponível em < http://users.matrix.com.br/mariabene/breve_historia_das_ervas.htm > Acesso em 8 de novembro de 2006.